

# Tempos Modernos

Paulo Serra

*Tempos Modernos/Modern Times* (1936, EUA, 87')

Realizador: Charles Chaplin

Actores: Charles Chaplin, Paulette Godard, Henry Bergman

Argumento: Charles Chaplin

Fotografia: Ira H. Morgan e Roland Totheroh

Montagem: Willard Nico

Música: Charles Chaplin

O filme *Tempos Modernos* é escrito, produzido e dirigido por Charlie Chaplin (1889 – 1977), tendo como directores de fotografia Rollie Totheroh e Ira Morgan e sendo protagonizado por actores como o próprio Chaplin, Paulette Goddard, Henry Bergman, Stanley Sandford e Chester Conklin. Às funções anteriores, Chaplin acrescenta ainda a de compositor da música que, letrada posteriormente, deu origem à canção 'Smile', interpretada por artistas como Judy Garland, Nat King Cole ou Michael Jackson. *Tempos Modernos* é o último filme de Chaplin que tem Charlot como personagem principal e o último filme mudo realizado pelo autor (a rigor o filme não era completamente "mudo", na medida em que já incluía uma banda sonora sincronizada).

*Tempos Modernos* estreou-se no dia 5 de Fevereiro de 1936, no Rivoli Theatre, de Nova Iorque, cerca de quatro anos depois do início do seu projecto, intitulado na altura 'As Massas'. A reacção da crítica norte-americana não só não foi a mais positiva como alguma parte dela veio a acusar o filme de ser pró-comunista (a si próprio, Chaplin considerava-se, tão-só, um "humanista"), tendo em 1952 o realizador sido objecto de perseguição pelo macarthismo e abandonado os EUA por sua iniciativa. O filme foi proibido na Itália e na Alemanha, mas teve grande sucesso em países como a Inglaterra, a França e a União Soviética.

Tendo como pano de fundo a América no período da Grande Depressão de 1929, *Tempos Modernos* é, provavelmente, o melhor do-

cumento alguma vez produzido sobre a sociedade industrial – dando conta não só da sua versão *fordista*, existente à época, mas também de algumas das direcções que ela viria a tomar no futuro. Não sendo possível, num texto deste género, analisar de forma exaustiva todos esses aspectos, diremos apenas que o filme, no seu conjunto e em cada uma das partes, pode ser lido a partir da tese da irracionalidade de uma sociedade que, apesar da formidável potência dos seus meios de produção, tende a fazer da maior parte dos homens escravos desses mesmos meios e dos homens que os possuem e/ou controlam (os capitalistas, os ricos, os poderosos). Esse desiderato é conseguido pela mobilização de um conjunto de técnicas de controlo e de vigilância dos corpos e do espaço em que se movem – dos seus ritmos, dos seus gestos, das suas interacções –, e em que o cronómetro e a (futura) vídeo-vigilância assumem já um papel essencial, configurando aquilo que, algumas décadas mais tarde, Orwell viria a retratar no seu 1984 e Foucault a analisar a partir do tema do panóptico. Não admira, assim, que nesta sociedade o lazer seja o mero prolongamento do trabalho, a prisão preferível à vida fora das grades e o amor uma aventura a viver sob o signo do fracasso sempre mais ou menos iminente. Será que a única liberdade possível é a fuga? Se sim, para onde? Estas são questões cuja resposta o filme reenvia, muito justamente, para cada um dos seus espectadores.

Acrescente-se, ainda, que se há filme em relação ao qual a velha querela entre ficção e documentário não tem razão de ser ele é, seguramente, *Tempos Modernos* – que ilustra, de forma perfeita, que toda a ficção envolve documentário (“realidade”) e todo o documentário envolve ficção (“imaginário”). Nesse sentido, este filme acaba por revelar, também, toda a importância da relação do cinema com domínios como os da sociologia, da antropologia, da economia ou da história, para nos referirmos apenas a alguns das mais relevantes ciências sociais e humanas contemporâneas.